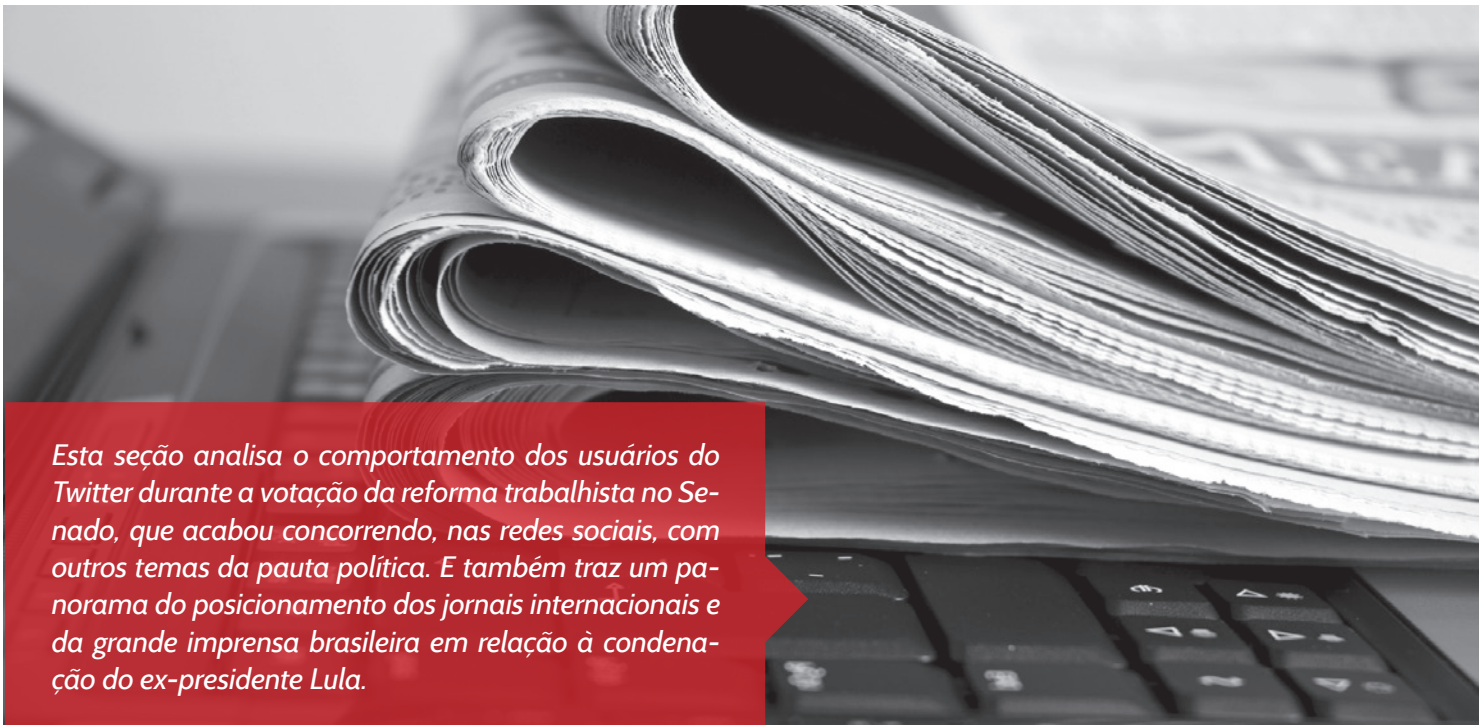


# COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa o comportamento dos usuários do Twitter durante a votação da reforma trabalhista no Senado, que acabou concorrendo, nas redes sociais, com outros temas da pauta política. E também traz um panorama do posicionamento dos jornais internacionais e da grande imprensa brasileira em relação à condenação do ex-presidente Lula.

## A reforma trabalhista no Twitter

As medições feitas sobre o comportamento das redes sociais mostrou que uma pauta importantíssima como a reforma trabalhista foi pouco discutida nos dias anteriores à votação no Senado. A mobilização de algumas centrais sindicais não encontrou eco, e artistas, outros movimentos e celebridades priorizaram temas diversos, inclusive tentavam mostrar a impopularidade de Temer

- algo que é mais do que óbvio.

A reação dos usuários do Twitter durante a votação demonstra que, mais do que nunca, é necessário planejar *on-line* e *off-line* as ações, nas ruas e nas redes. Ou corre-se o sério risco de dispersão em uma série de ações simultâneas. É essencial, nesse momento, escolher as batalhas para evitar que, enquanto os grandes meios de comunicação empresarial discutem sobre Temer ou Maia, o país fique sem CLT.

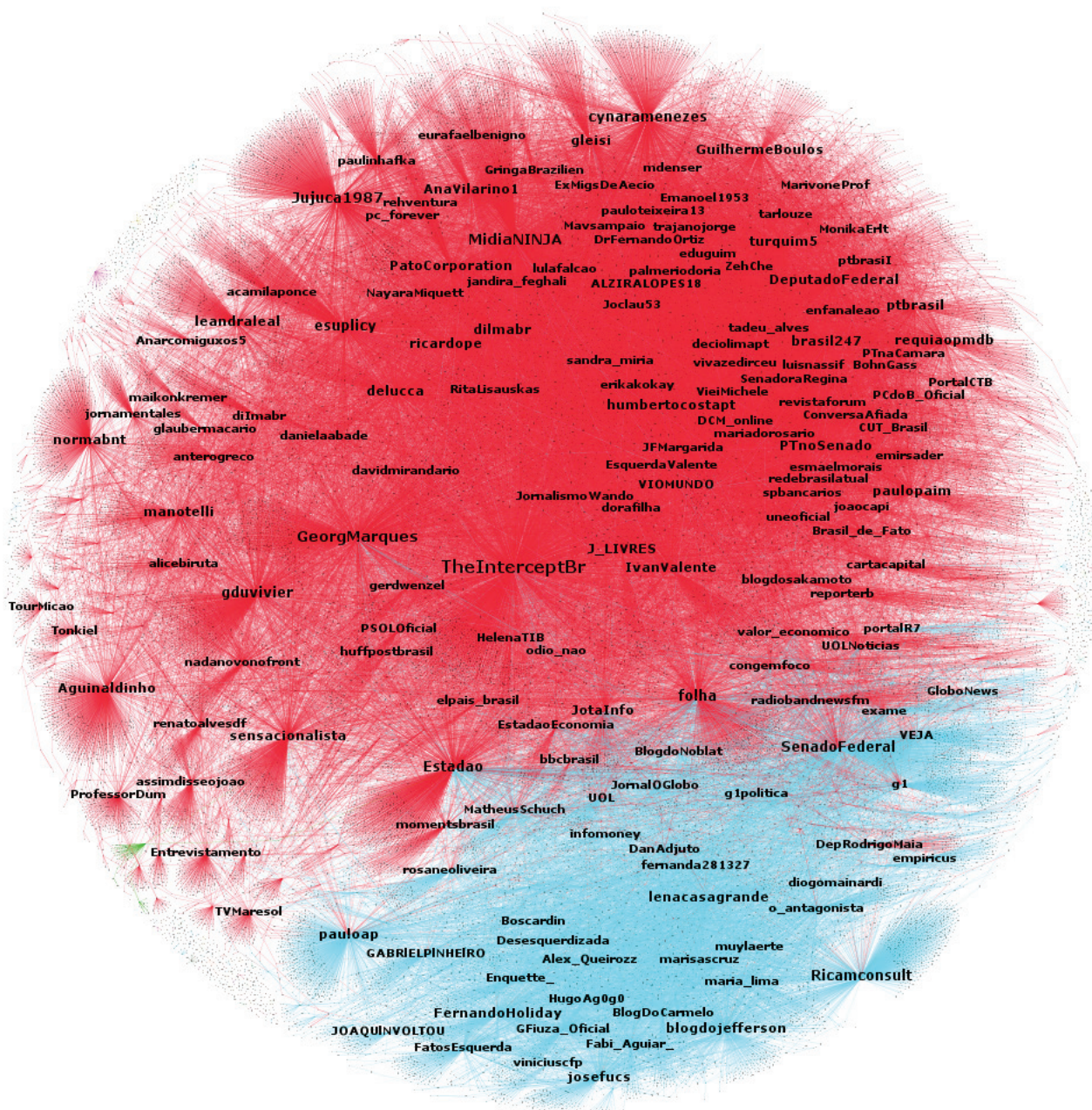


Fato é que a reforma se estendeu em um vácuo com a ausência de mobilização nas redes, que só foi brevemente interrompido quando da votação da pauta na CCJ do Senado, no dia 29/6. Aqui, é possível afirmar que qualquer mobilização proposta com o objetivo de pressionar senadores e senadoras tinha perdido muito de sua capacidade de interferir politicamente na votação.

Observa-se que a pauta (leia-se também perda de direitos ou retrocessos) cai em desuso em questão de horas quando os temas se sobrepõem e se focam. Foi o que se ocorreu, mais tarde, com esse

mesmo tema, ao ser sobreposto imediatamente pela condenação do ex-presidente Lula.

Está nítido que a mobilização pontual não produz os efeitos necessários para lutar contra os retrocessos propostos pelos governos golpistas em todo o Brasil. Prova disso foi a mobilização observada no Twitter durante o dia 11/7. O vermelho, que aglutinara mais de 67% dos usuários que mencionaram o termo “reforma trabalhista” no Twitter, pouco pôde fazer para barrar e/ou alertar a população para os malefícios da reforma que estava sendo aprovada.



## A condenação de Lula na imprensa internacional

A condenação de Luiz Inácio Lula da Silva foi o assunto, referente ao Brasil, que mais apareceu nos jornais estrangeiros. Em função da diferença cultural, esses veículos provavelmente não conseguem compreender como a Justiça tem atuado de maneira parcial e política no Brasil. Levando em conta esse fator e a visão positiva que a imprensa internacional tem do ex-presidente, as percepções sobre a situação de Luiz Inácio Lula da Silva foram apresentadas de formas diferentes e até pessimistas entre os periódicos estrangeiros. Todos os jornais analisados, sem exceção, citaram o trecho em que Lula nega estar fora do jogo e afirma que está no jogo mais do que nunca.

O britânico *The Guardian* informou que a condenação era uma extraordinária queda para um líder que havia sido chamado por Barack Obama de “o mais popular político no planeta”. No mesmo sentido, o *Washington Post* afirmou que os apoiadores de Lula ficaram calados e que isso era um sinal do quanto vinha caindo. O *New York Times* apontou a condenação como uma mancha no legado de uma das mais importantes figuras políticas do país. Christopher Sabatini, diretor-executivo da *Global Americans*, um grupo de pesquisa de Nova York, afirmou à reportagem que a condenação vai muito além de Lula e de sua carreira política, a qual estaria seriamente danificada. Sabatini diz que “ele era uma marca. A marca Brasil”. O mesmo jornal publicou uma linha do tempo que recebeu a manchete “Luiz Inácio Lula da Silva: a ascensão e queda do líder brasileiro”. Essas notícias foram as primeiras a serem publicadas, antes que Lula se pronunciasse. No dia seguinte, quando o ex-presidente veio a público, sua postura firme fez com que as informações nos jornais estrangeiros já tivessem outro caráter. O *New York Times* chamou atenção para o tom desafiador que Lula utilizou em sua fala. Em uma reportagem que tentava explicar como a luta contra a corrupção levou o Brasil ao caos, o jornal afirma que não se sabe ao certo o poder que Lula ainda tem. O *The Guardian* afirmou que o ex-presidente se defendeu de forma inflamada e prometeu ser candidato à presidência novamente. O periódico cita ao final da

reportagem a declaração de Lula na qual diz continuar apoiando instituições democráticas fortes, incluindo polícia e procuradoria, mas lamenta o direcionamento político contra ele. O jornal espanhol *El Mundo* ressalta que “Lula não joga a toalha”.

O francês *Le Monde* tratou da condenação e do discurso de Lula na mesma publicação. O artigo afirma que a sentença é uma imensa derrota para o ícone da esquerda que desejava se candidatar novamente e cita a defesa feita por Lula. A reportagem ainda expõe uma avaliação feita pela consultoria Eurasia. Segundo a consultora, Lula será menos competitivo a partir de agora. A mesma publicação entrevista o professor da FGV Thiago Bottino. O especialista em direito classifica a decisão de Moro como política. De acordo com Bottino, o juiz diz na sentença ter dado pena mais pesada a Lula porque, como presidente, ele tinha uma responsabilidade maior do que um simples cidadão. O periódico alemão *Süddeutsche Zeitung* também trabalha de forma menos factual e mais interpretativa. Na perspectiva apresentada no artigo, o Brasil continua dividido e vive uma situação complicada com “um presidente condenado, uma presidenta deposta e um presidente indiciado”. De acordo com o jornal, se Lula for absolvido na segunda instância ele terá um impulso político para voltar a ser presidente.

Dilma Rousseff declarou que a condenação de Lula é um “escárnio”. Suas críticas à decisão de Moro foram publicadas em Portugal, pelo *Diário de Notícias*, e nos EUA pelo *New York Times*. A ex-presidenta afirmou ter sido banida das empresas de comunicação brasileiras e reconheceu a importância do papel que a mídia internacional cumpriu em 2016 ao permitir que “quebrássemos uma grande barreira e falássemos para o mundo”.

Diferente da imprensa tradicional brasileira, nos grandes jornais estrangeiros as informações são historicamente contextualizadas. As reportagens não permitem que fiquem soltos os personagens ou as instituições sobre os quais se dirigem. Dificilmente um político será citado sem que seja explicitado a qual partido ele pertence, se é de esquerda ou direita, se é conservador ou progressista. Característica inexistente na imprensa brasi-

leira. Os estrangeiros, que pouco conhecem a política do Brasil, não correm o risco de considerar os nossos políticos todos iguais. Se Dilma Rousseff é citada, logo depois vem a informação de que ela é uma ex-guerrilheira marxista que ficou presa por três anos durante a ditadura militar. A Lula, se coloca como referência que é um ex-líder sindical que governou o Brasil durante oito anos e, nesse período, retirou quarenta milhões de pessoas da miséria. Não se pode conceber que essas informações sejam meros detalhes. A diferença com relação à prática do jornalismo praticado no Brasil evidencia um grave problema do país: a História é ignorada e mal contada.

Essa diferença não existe apenas em relação a personagens políticos. Os jornais de outros países acompanham a situação de Michel Temer e da agenda econômica que ele defende. A Temer, as reportagens se referem como um presidente enfraquecido, pressionado, prestes a cair. Já sobre as reformas que ele propõe, são tratadas como medidas de austeridade reivindicadas pelo empresariado e pelo mercado financeiro e rejeitadas pela maioria da população. O jornal espanhol *El Mundo* as chama de neoliberais e classifica Temer como um presidente moribundo. O debate sobre os rumos do país seria muito diferente se a grande mídia brasileira, minimamente, admitisse que as reformas são neoliberais.

Em reportagem publicada no dia 19/7, o *The Guardian* vai muito além da grande mídia brasileira e informa que “pessoas estão ficando mais pobres: famintos e desabrigados enquanto a crise se aprofunda”. O artigo critica o corte de gastos feito por Michel Temer e que é defendido por economistas liberais. O texto afirma que os progressistas defendem que os cortes sejam feitos em outras áreas e que seja promovida uma reforma tributária. A conclusão do jornal inglês é impactante: enquanto a pobreza aumenta, muitos políticos estão preocupados demais apenas se defendendo da Justiça.

### **A condenação de Lula na ótica dos grandes grupos**

A sentença proferida pelo juiz de primeira instância Sergio Moro no último dia 12, condenando o

ex-presidente Lula a nove anos e seis meses de prisão, foi apoiada abertamente pelos três maiores diários brasileiros em seus editoriais. Contudo, há diferenças na argumentação que possibilitam analisar o posicionamento deles neste caso.

Em texto intitulado “Lula condenado”, a *Folha de S. Paulo* argumenta que a sentença condenatória é simbólica, “ainda que as questões referentes à posse de um apartamento triplex no litoral paulista pareçam minudências diante do oceano de evidências de corrupção bilionária na administração petista”. Em outro trecho, admite que a presunção de culpa insuflada pela mídia foi determinante no resultado do julgamento: “Do escândalo à vista de todos até a caracterização jurídica de um crime e dos criminosos há, decerto, um percurso sujeito à controvérsia”.

Na mesma *Folha*, a coluna de Josias de Souza publicada em 20/7 afirma que o juiz partiu para o insulto diante da falta de provas. E cita um trecho da sentença escrita por Moro para expor a contradição: “*Em casos de lavagem, o que importa é a realidade dos fatos segundo as provas e não a mera aparência. Pois é. Estamos todos de acordo com tal conceituação. Nós outros, cá de fora, em grande medida vamos ainda mais longe, aplicando a mesma regra não só a lavagens, sejam do que forem, mas a uma infinidade de coisas. E muitos pudemos concluir que, se o importante para Moro é a realidade “segundo as provas e não a mera aparência”, então, lá no fundo, está absolvendo Lula. Porque o apartamento pode até ser de Lula, mas ainda não há provas. A Lava Jato e o juiz só dispõem da “mera aparência”, o que Moro diz não prestar.*

Já o jornal *O Estado de S. Paulo*, em editorial publicado em 13/7, “A condenação de Lula da Silva”, se ocupa em rebater o argumento da defesa de Lula de que a condenação tem caráter político e a pregar celeridade da segunda instância para ratificar a condenação, sem dar nenhuma margem a dúvidas sobre o resultado final. “A ação penal de Lula da Silva não é um jogo político. Longe de ser uma questão de opção ideológica, o processo penal instaurado contra o ex-presidente petista manifesta a existência no Brasil de um Estado Democrático de Direito, com uma lei vigente e to-

dos, absolutamente todos, respondendo por ela. Como disse o juiz Sérgio Moro ao final da sentença, “é de todo lamentável que um ex-presidente da República seja condenado criminalmente, mas a causa disso são os crimes por ele praticados, e a culpa não é da regular aplicação da lei”.

*O Globo*, por sua vez, usa o exemplo da condenação para exaltar o combate à corrupção no país, que classifica como exemplar, e aproveita para alfinetar o presidente golpista Michel Temer. O texto publicado em 13/7 o afirma: “Em uma fase

da vida pública repleta de fatos históricos, por inéditos, ocorre mais um, com a condenação de Lula, a primeira de um ex-presidente. E numa coincidência inaudita: ao mesmo tempo em que um presidente no cargo, Michel Temer, é denunciado pela Procuradoria-Geral da República. Ambos por corrupção, e, no caso de Lula, punido também por lavagem de dinheiro. Coincidência feliz, porque reflete um forte enfrentamento deste crime de colarinho branco pelo *Estado*”.